

CAMINHAR, NARRAR, MAPEAR, RELACIONAR E ANALISAR verbos de uma cartografia errante

Gustavo de Oliveira Nunes¹
Carla Gonçalves Rodrigues²

Resumo

O objetivo do texto é apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica, experimentado na dissertação de mestrado intitulada Cartografias do limiar: processos de formação de um arquiteto e urbanista errante. Nela, caminhou-se pelas bordas do tecido urbano de Pelotas a fim de se produzir variações em uma formação moldada aos valores do mercado e pautada no ensino de projeto arquitetônico. Assim, os verbos caminhar, narrar, mapear, relacionar e analisar são utilizados para explorar os procedimentos criados ao se investigar uma formação errante em Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: caminhar. cartografia. filosofias da diferença. formação em arquitetura e urbanismo.

WALK, NARRATE, MAP, RELATE AND ANALYZE verbs of a wandering cartography

Abstract

The aim of the text is to present a method of capture of the city from a cartographic perspective, tried in the master's dissertation entitled Cartography of the threshold: processes of formation of a wandering architect and urbanist. In it, it walked along the edges of Pelotas in order to produce variations in a formation shaped to market values and based on the teaching of architectural design. Thus, the verbs to walk, to narrate, to map, to relate and to analyze are used to explore the procedures created when investigating an errant formation in Architecture and Urbanism.

Keywords: Walking. Cartography. Philosophies of difference. Formation in Architecture and Urbanism.

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade. Atualmente, trabalha como professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade João Paulo II, Campus Pelotas.

² Formada em Psicologia pela UCPel (2013); Pós doutora em Educação pela UFRGS (2012 e 2018) - supervisionada pela Prof^a. Sandra Corazza. Concluiu doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) - orientada pelo Prof. Dr. Tomaz Tadeu; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1999) - orientada pelo Prof. Dr. Marcos Villela Pereira. Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Católica de Pelotas (1985), especialização em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (1987), graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1997), especialização em Educação Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1998). Atualmente é professora aposentada associada 2 da Universidade Federal de Pelotas no Departamento de Ensino.

Caminhar: as explor-ações urbanas

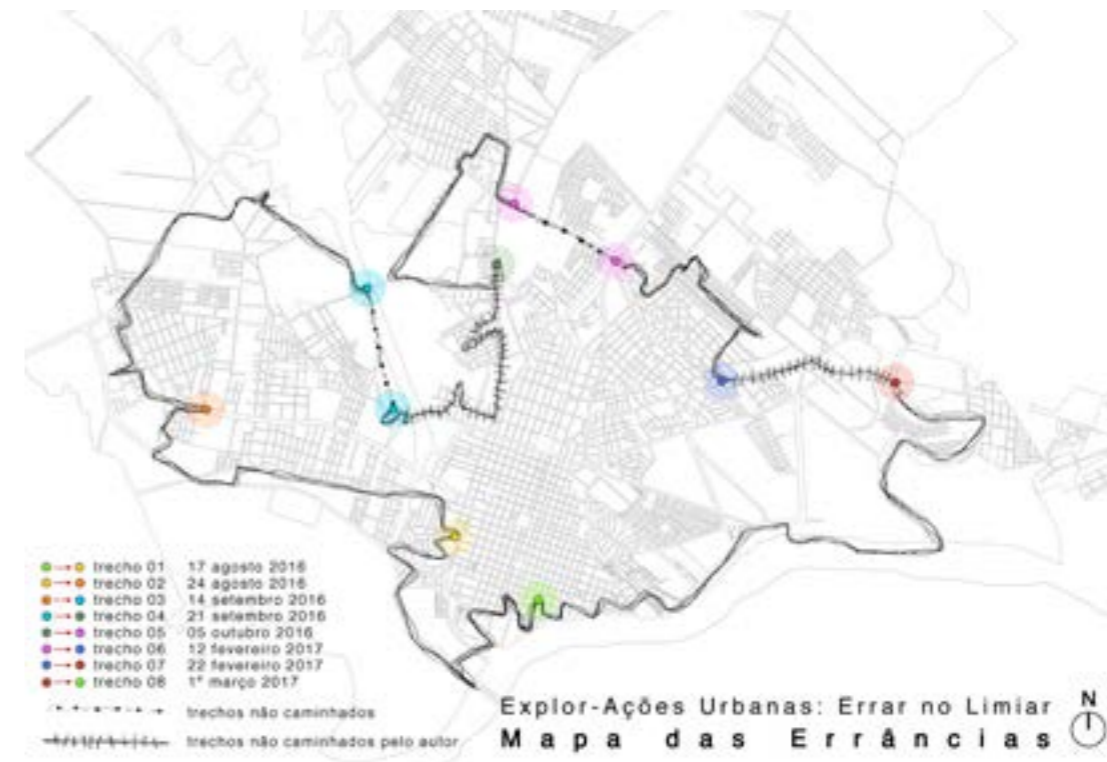


Figura 1: Mapa Explor-ações urbanas: Errar no Limiar. Fonte: do autor, 2017.

O objetivo do texto é apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica³, experimentado na dissertação de mestrado intitulada Cartografias do limiar: processos de formação de um arquiteto e urbanista errante. O disparador da pesquisa foi uma caminhada realizada no Seminário Explor-ações urbanas: errar no limiar⁴, cujo itinerário é mostrado na Figura 1.

No mapa em questão, consta que no dia 17 de agosto de 2016 dezoito estudantes de diversas áreas do conhecimento, tais quais Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Ciências Sociais, Educação, Engenharia Civil e Filosofia, encontraram-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas com um objetivo em comum: caminhar. O espaço institucional fora o escolhido pois acolhia o curso mencionado, cuja a ementa o caracterizava enquanto uma

Exploração como re-apropriação da cidade e uma modalidade de investigar o território a partir de uma imersão nele. Atravessar os confins para reconstruir um mapa de fragmentos urbanos. A observação e interação direta entre umbrais de realidades descontínuas, formas de co-existência de diversidades, heterogeneidade de práticas e de espaços. O conhecimento prático através do caminhar com o fim de mapear a linguagem mestiça do contemporâneo. (FAURB / UFPel, Programa da disciplina Explor-

³ Na perspectiva da cartografia, método cuja origem remonta aos conceitos apresentados na obra do filósofo francês Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari (1995), o princípio do pensamento é a experiência. Assim, o método é traçado a partir de um acontecimento, e não o antecede. Destarte, as categorias de análise partem de uma empiria que coloca um problema a ser pensado, posto que os problemas não estão prontos, são uma questão de construtivismo (DELEUZE; PARNET, 2001).

⁴ Seminário ofertado pela professora Emanuela di Felice, durante seu período de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que ocorreu de maneira totalmente peripatética.

ações urbanas: errar no limiar, 2016).

Essa prática, locada num programa de Pós-graduação, diz de uma mudança epistemológica na referida área. Em contraposição aos ideais modernos, que criaram um modelo de cidade para decalca-lo na realidade urbana, a experiência procurou apreender o contexto, sem tomar qualquer atitude prática ou projetual. Tratava-se, então, de uma tentativa de deslocamento de perspectiva que até então os profissionais e estudantes da cidade a olhavam, tendo como referência os ensinamentos do arquiteto italiano Francesco Careri (2012) que, em 1995 junto ao coletivo de arte chamado Stalker, inaugurou o primeiro itinerário peripatético pelas bordas de Roma. Seu objetivo, na época, fora compreender um território urbano que se modificava de forma veloz, para além do controle instituído na cidade histórica. Segundo ele, a “caminhada surgiu de um desejo de conhecermos o que existia do outro lado, além da cidade que nos contavam os nossos professores” (CARERI; JACQUES, 2013, p. 9).

Em Pelotas, a errância consistiu em percorrer o perímetro da cidade em oito trajetos distintos. Os encontros aconteceram às quartas-feiras, das 14 até aproximadamente às 18 horas. Neles, caminhou-se prioritariamente pela borda da cidade, ou seja, num limiar entre urbano e rural onde o traçado estruturado rompia, conforme as informações do mapa que especificam os trechos, a data e a distância andada (Figura 01).

Por serem erráticos, os caminhos realizados no Seminário não eram pré-definidos, bem como não tinham objetivos gerais ou específicos. Pelo contrário, eles foram sendo escolhidos conforme os afetos experimentados pelo grupo durante a experiência, comportando no caminhar sensações de medo, apreensão, leveza e segurança. Funcionando como balizadores, apontaram qual direção seguir, fazendo-se menos o uso da razão e mais a de uma atenção à espreita do percurso (DELEUZE; PARNET, 2001).

A cada trajeto caminhado, marcava-se o ponto do próximo encontro em um mapa impresso carregado pela propositora do Seminário, de modo que cada “aula” iniciava em um lugar diferente da cidade. Dessa maneira, inventava-se um outro tipo de aprendizagem: ao ar livre, para além do domínio da sala de aula e em meio à cidade.

Narrar: a escrita de um diário

A pergunta que se fez, mediante a possibilidade de contar algo acerca de uma errância foi: Como acompanhar uma experiência sem fixá-la ou dá-la por acabada? Essa dúvida gerou a necessidade de uma escrita que, para além de descrever o que havia acontecido, possibilitasse vivenciar por mais uma vez, sempre que necessário, o que ocorreu.

Por isso, aconteceu a escrita de um diário de bordo, que acompanhou o pesquisador em seus trajetos erráticos. Diz-se aconteceu porque, no início das Explorações urbanas, não se tinha uma noção sobre como a pesquisa seria estruturada. Dúvidas de tal tipo despontavam: as caminhadas fariam parte da dissertação? Onde vai se chegar com isso? Qual o objetivo do caminhar?

Todavia, desde o começo houve a escrita de um diário. Supõe-se que, na tentativa de acolher o caos da experiência errática, escrever acerca do que se passava traçava um território para se continuar caminhando, suportando assim um não saber. Sua escrita, para além da descrição, tentou apreender também as sensações da caminhada. Isso porque, de acordo com Barros e Kastrup,

[...] a escrita do relato não deve ser um mero registro de informações que se julga importante. Longe de ser um momento burocrático, sua elaboração requer até mesmo um certo recolhimento, cujo objetivo é possibilitar um retorno à experiência do campo, para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência (2015, p. 70-71).

Desse modo, pode-se dizer que houveram dois movimentos de escrita: o de anotações e rabiscos — realizados no trajeto — e o da reescrita do que foi vivenciado, quando se rememorava os acontecimentos, produzindo-se outra forma de relato.



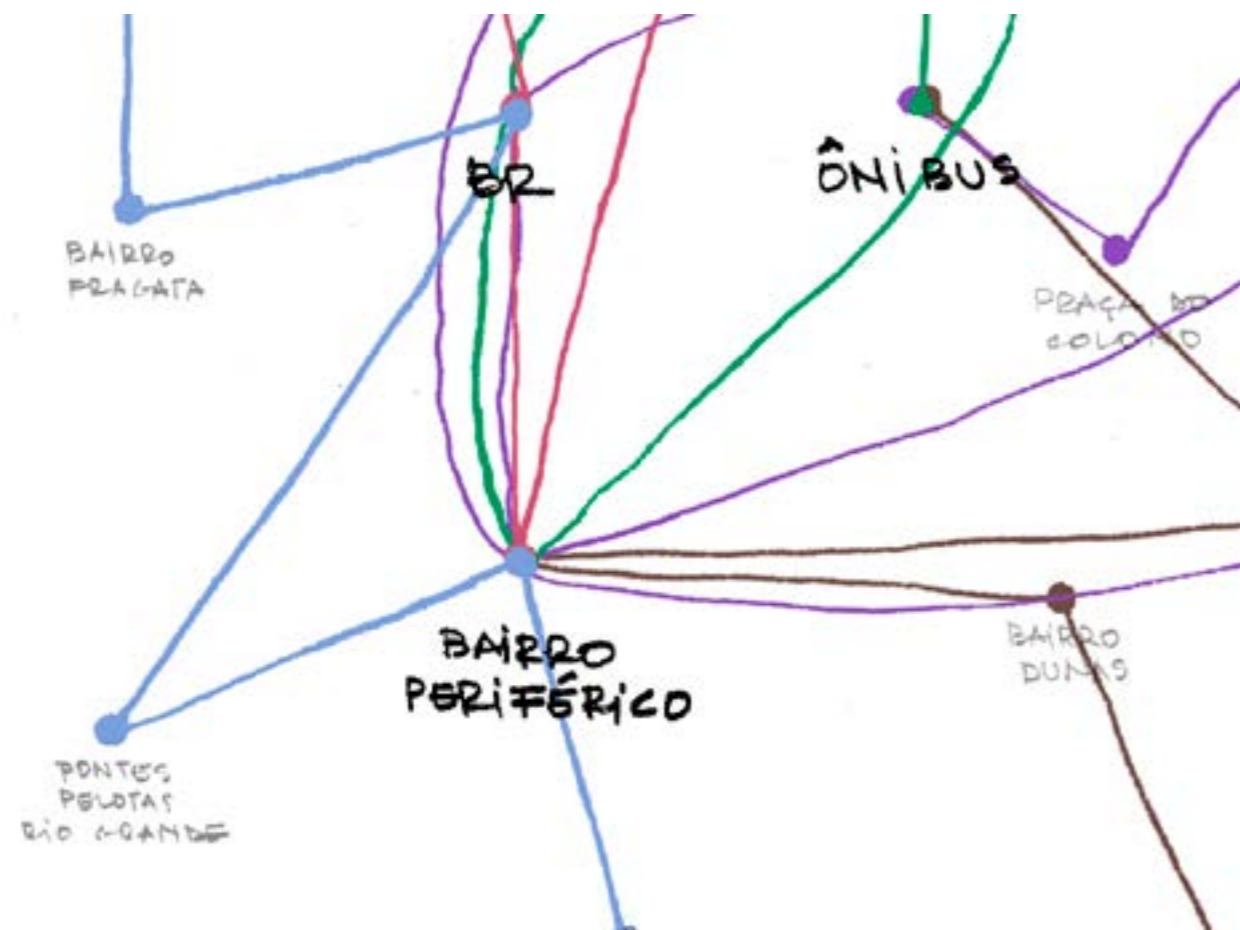
Figura 2: Diário de bordo. O da esquerda foi escrito durante a errância e o da direita, por sua vez, foi reescrito a partir do primeiro. Fonte do autor, 2017.

Foram essas anotações que geraram os dados da pesquisa, tendo a função de “transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 70). Por meio do diário, desfizeram-se contornos entre conhecimento e experiência, havendo coprodução. Foi com a escritura, então, que se olhou para os deslocamentos do pensamento frente ao encontro com as forças presentes nas bordas da cidade.

Mapear: superpondo percursos

Ainda que o diário fosse um suporte para a experimentação, produzindo um material múltiplo para ser analisado, não se tinha uma ferramenta que permitisse tal análise. O registro, nesse sentido, era mais da ordem do agir que do fazer⁵, como ensina Deligny (2015). Mesmo que “se produzam coincidências entre os traços do agir e alguma utilidade” (DELIGNY, 2015, p. 83), como quando ele funcionou para suportar o caos da errância, sua escrita não tinha um fim, sendo um emaranhado de linhas enredadas.

5 Para Deligny (2015) o que caracteriza a atividade humana é o agir sem finalidade, que se dá no espaço, diferente do “fazer algo” visando um objetivo, referente ao homem-que-nós-somos. Este último conceito designaria aqueles que adentraram no regime simbólico da linguagem, da lei e da instituição, instâncias essas que demarcariam sua posição de sujeito na sociedade ocidental. Porém, o que traça o território comum é o agir, ação do humano que há em nós



Para olhá-los, utilizou-se a teoria das linhas — molar, molecular e de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012) — posto que o conceito funciona para dar a ver um mundo e, de certa forma, traça um plano de consistência que torna possível a expressão de determinada experiência (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Por meio das linhas (ou entre elas) percebeu-se uma imensidão de fios que compõe uma dada realidade, obrigando aquele que deles se ocupa a lhes dar expressão, indo procurar outros elementos para além dos seus saberes a fim de enunciar algo novo. Porém, como fazê-lo?

Relacionar: ciência, arte e filosofia

Quando o seminário Explor-ações urbanas surgiu a pesquisa já estava em andamento. A temática, também, fora definida: o caminhar do arquiteto e urbanista. Mesmo na perspectiva cartográfica, não se pode dizer aqui que inexistia uma desconfiança de que caminhando é possível pensar a cidade de outra maneira. Desse jeito, na investigação por uma forma imanente de perceber o urbano, alguns estudos já estavam sendo feitos quando os trajetos pelas bordas da cidade de Pelotas iniciaram.

Esses estudos funcionaram, no momento analítico, como ferramentas que se dobraram sobre as linhas molares, moleculares e de fuga da experiência surgidas nos encontros. Na medida que estes levavam o pensamento ora à uma repetição, ora ao

indizível da linguagem, as notas foram dando consistência para a produção de sentido ao que aconteceu e, de certa forma, prepararam o território. Assim, mesmo que num primeiro momento parecessem matérias inanimadas e estáticas, os acontecimentos do percurso agiram nelas como um vento, desfazendo sua imobilidade e lhes dando vida.

Logo, para compor esse universo de conteúdos díspares que, ao serem colocados em relação teriam a força para expressar outros saberes em uma formação, juntou-se enunciados da ciência, arte e filosofia. Essas três áreas do conhecimento foram nomeadas por Deleuze e Guattari (2010) de caóides, ou seja, formas que se criam quando o pensamento traça um corte no caos.

Primeiramente, no campo científico, procurou-se no portal de periódicos da CAPES acerca dos enunciados sobre a formação em Arquitetura e Urbanismo a fim de poder compreender o porquê da necessidade do caminhar errático como uma prática estética⁶. Também, investigou-se eventos de pesquisa na área que incluíssem eixos destinados à formação, encontrando-se apenas um: o Grupo de Trabalho Formação e exercício profissional no mundo globalizado, do III Enanparq, organizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo em 2014. Dele, foram selecionados quatro artigos que tratavam da profissão no que tange ao seu funcionamento e formas de atuação. O saber acerca das molaridades da formação pôde, assim, produzir sentido para as repetições presentes na superposição dos mapas, por exemplo, permitindo compreender em parte as escolhas realizadas e os caminhos tomados durante as errâncias.

Na arte, fez-se um encontro com Francis Alÿs, artista reconhecido por suas errâncias pela cidade⁷. Descobriu-se que Alÿs também possuía formação em Arquitetura e Urbanismo, graduando-se na Bélgica com doutorado feito na Itália. Após seus estudos, mudou-se para o México, a fim de trabalhar nas obras de reconstrução da capital destruída por um terremoto. Lá, realizou diversas caminhadas para compreender o caos do país latino. Aos poucos, percebeu que a própria prática possuía um estatuto artístico, destacando-se as obras O Coletor e Às vezes fazer alguma coisa não leva a nada, de 1991 e 1997, respectivamente.

Na terceira caóide, por sua vez, estudou-se acerca do modo de vida e pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo que caminhou exaustivamente para compor seus aforismos. A prática iniciou em sua vida após um adoecimento, que o levou a solicitar uma licença anual das suas funções como professor na Universidade da Basileia, na Suíça. Nesse tempo ele partiu para Sorrento, situado em solo italiano, acompanhado de mais três amigos (D'IORIO, 2014). Lá, durante extensos passeios pelos penhascos junto ao mar, afirmou uma grande saúde surgida após um período de convalescença, que o possibilitou pensar de outra maneira⁸.

6 Nesta busca, utilizou-se tais palavras chaves: formação arquiteto, formação arquitetura, formação arquitetura e urbanismo. Entre dissertações e teses, obteve-se os seguintes resultados: 1) Formação arquiteto: 100 resultados; 2) Formação Arquitetura e Urbanismo: 154 resultados e 3) Formação arquitetura: 561 resultados. Dentre elas, constatou-se que, em sua maioria, referiam-se ao processo de consolidação da profissão, tanto à nível global quanto nacional.

7 Para compreender o processo de criação de Alÿs, foi vasculhado o site do artista (<http://francisalys.com/>). Lá, pôde-se experimentar parte da obra a partir dos registros em vídeo das performances realizadas, em sua maioria no México, bem como ter o acesso a catálogos de exposições e entrevistas. Além disso, utilizou-se como fonte bibliográfica o catálogo chamado Francis Alÿs (2007), lançado na Inglaterra pela Phaidon, que comporta entrevistas com o artista e comentários de críticos de arte acerca da sua produção.

8 Dessa forma, pesquisou-se a ideia de grande saúde na obra nietzschiana, identificando-a em três de seus livros: Humano, demasiado humano, A gaia ciência e em Ecce homo. No primeiro livro, Nietzsche

Assim, foram as três áreas— da ciência, arte e filosofia— que vieram a compor as análises dos pontos apreendidos através da superposição dos mapas. Logo, partiu-se deles para problematizar as linhas molares, moleculares e de fuga da formação. Deu-se, com isso, a invenção de outros sentidos que contivessem em si matérias de diferentes campos do saber, destituindo do pensamento sua posição disciplinar e hegemônica.

Analisar: entre linhas molares, moleculares e de fuga

Na linha molar: a rodovia br e a recongnição do pensamento

No levantamento dos pontos de maior atravessamento em seis trajetos realizados, a rodovia BR surgiu como elemento marcante nos trechos 01, 02, 03 e 05. A pergunta que se fez é por que o percurso do seminário Explor-ações urbanas diversas vezes se reterritorializou no asfalto, sobre a BR, quando o objetivo fora errar pelos limiares da cidade?

Através das notas do diário, pôde-se perceber que pouca coisa aconteceu no cruzamento da via, não levando o pensamento a pensar diferente (DELEUZE, 2005), tal qual aconteceu com Francis Alÿs no encontro com o caos da Cidade do México pós abalo sísmico, que o lançou em um processo criativo de vida. Ou como Nietzsche que, percebendo os valores decadentes da moral da época, passou a desejar sua transvaloração a favor de uma grande saúde.

Nesse sentido, a rodovia passou a ser vista como um elemento de recongnição (DELEUZE, 2018), ou seja, algo que é possível identificar na paisagem pelo fato de existir uma imagem prévia no pensamento. Lynch (1988), inclusive, afirma a existência de uma “imagem pública” que permeia a cognição, estruturada através das vias, bairros, limites, cruzamentos e pontos marcantes da cidade. Para ele, são inclusive os dois primeiros componentes que definem quase todas as cidades globais. De acordo com o autor, eles funcionam para evitar a sensação de desorientação que pode ser desencadeada quando uma cidade é pouco legível, sendo isso contraindicado no planejamento e desenho urbano.

Todavia, na perspectiva deleuzo-guattariana, pensar é justamente um exercício de desterritorialização que se faz quando um encontro acontece. Aí, sai-se de uma lógica estruturada, conhecida, costumeira, desenhada por uma linha molar que sustenta um território estável. Vai-se, então, em direção à criação de sentido ao acontecimento a partir de diferentes matérias de expressão, que anunciam uma reterritorialização, ou seja, a criação de um outro saber.

A BR, porém, impediu que a desterritorialização acontecesse, ao dificultar o encontro com forças singulares da cidade. Configurou-se, então, como lugar de passagem e não de vivências, resguardando a imagem dogmática do arquiteto e urbanista ao pensar a cidade, que é a do projeto arquitetônico, como apontam Ferreira (2014) e Katakura (2014) no que tange à formação. Espinha dorsal na maioria dos currículos das instituições de ensino da área, é também a mais próxima dos valores do mercado capitalista, cuja relação de forças arquiteto – cliente privado é mais significativa que àquela que o liga ao restante da sociedade.

(2005) caracteriza a grande saúde como uma força plástica, curativa, reconstrutora e restauradora que sucede um período de sofrimento. Isso porque pensar de modo diferente, modificando a perspectiva da qual se olha para o mundo é tarefa árdua.

Na linha molecular: o ônibus, entre o molar e a fuga

Se a BR tendeu a preservar os saberes de uma possível desterritorialização, nem por isso ela não ocorreu. As errâncias foram, nesse sentido, a possibilidade de se pensar diferente a cidade para além daquilo que diz a formação em Arquitetura e Urbanismo, ao possibilitarem o encontro com o outro urbano (JACQUES, 2014).

Todavia, na medida que o ponto de encontro do Seminário foi se distanciando do centro da cidade, fez-se necessário o uso do ônibus, que cumpriu a função de deslocamento dos estudantes. Aí, uma linha molecular operou, ora habitando a formação tradicional desenhada por uma linha molar, ora experimentando-a de outras maneiras, em meio aos acontecimentos, aproximando-a de uma linha de fuga errática.

Conforme Deleuze e Guattari ensinam, essa linha “está presa entre as outras duas linhas, pronta para tombar para um lado ou para o outro — essa é a sua ambiguidade” (2012, p. 86). O ônibus, então, apresentou-se como um elemento paradoxal. Ao mesmo tempo que tornou possível a errância, anulou-a. Isso porque, possuindo um objetivo anterior à experimentação que era levar ao ponto de encontro do Seminário, acabou por desfazer certa ideia de errância, sendo esta a ausência de um planejamento ou, conforme Deligny (2015), um agir sem finalidade.

Contudo, após o ônibus transportar os alunos ao ponto de encontro tornou possível a linha de fuga por meio da prática errática, tendendo ao desfazimento da imagem dogmática do pensamento, cuja formação é voltada à materialidade do projeto de arquitetura. À maneira de Alÿs, com sua obra Às vezes fazer algo não leva a nada, em que caminha pelas ruas do centro histórico da Cidade do México carregando um bloco de gelo que se desfaz no percurso.

Também, foi ele o veículo que realizou o retorno do local de errância à cidade, sobretudo ao centro histórico, lugar onde habitam a maior parte dos estudantes matriculados no curso. No retorno, porém, a cada encontro travado alguma coisa voltava diferente. Todavia, que encontros foram esses que engendraram a diferença no pensamento, para além do regime molar e molecular?

Na linha de fuga: o prefeito de três lotes só

Na superposição dos mapas os bairros periféricos foram os pontos mais atravessados por linhas e, por isso, com maior força para serem pensados. De certa forma, todos os percursos tangenciaram e atravessaram esses lugares. Assim, se a BR permitiu uma recongnição do pensamento e seu conseqüente retorno às linhas molares e o ônibus oscilou entre elas e a errância num movimento molecular, é nos bairros que se criaram linhas de fuga na formação, ocorrendo encontros intensivos com a cidade, preenchidos por relações de forças até então desconhecidas.

Desses eventos, destacou-se o encontro realizado no trecho 02 com um personagem que, ao ocupar as bordas da cidade próximas aos trilhos do trem, foi chamado de *o prefeito de três lotes só*. Nesse local, o referido prefeito, junto à filha e ao genro, apropriavam-se de três pequenos pedaços de terra, divididos por cordas como se fossem lotes. No centro desse lugar, colocaram a escultura de um Buda.

Ao ir de encontro ao grupo de estudantes, disse estar surpreso, pois haviam pessoas olhando para ele, posto que ninguém o olhava. Isso porque as pessoas teriam desenvolvido um certo mau olhado, que as fez perder a capacidade de olhar para as coisas. Além disso, o ressentimento crescia no mundo, porque ninguém estava

conforme, querendo sempre mais, não respeitando o tempo das coisas.

Contou também que ocupava a área pois havia sido expulso de sua antiga cidade, e a filha pagava caro por um aluguel. Decidiram pela mudança, mesmo sabendo que pedaços da alma se desprenderam no caminho e ficaram pelo chão. Contudo, se fora a partir de guerras e batalhas que a história fora contada, batalharia também por um pedaço de chão nesse mundo. Sua luta consistia em capinar as terras que ocupava, o que em alguns momentos o fazia dar fartas gargalhadas. Para ele, isso era coisa do psiquismo que, estando bem, faz o resto estar assim também.

E, por fim, informa que caso ainda quisessem saber como era a sociedade, estavam olhando para ela. Ao dizer isso, balançava o corpo de forma teatral num gesto de reverência. Nesse momento, chegou a filha do prefeito de três lotes só, perguntando o porquê de o grupo estar ali. Tranquilizaram-na e disseram que, de certa forma, eram apenas estudantes aprendendo a ver e a caminhar pelo mundo.

Após o encontro, uma das alunas, formada em Arquitetura e Urbanismo e matriculada no Seminário, contou dos riscos que a família corria, afinal terras em bordas de trilhos pertenciam unicamente à Estação Ferroviária. Dessa maneira, seria impossível inclusive o pedido do Usucapião, trâmite jurídico que concede a posse do lugar depois de determinado tempo de uso. A questão problematizada foi: Por que, mesmo depois do abalo sofrido no encontro com o prefeito de três lotes só, o pensamento reterritorializou justamente em uma Lei jurídica?

A partir disso, pode-se afirmar que, talvez, não existissem outros saberes para produzir sentido ao acontecimento. Na contramão disso, Parreiras destaca que

[...] para os arquitetos é muito importante ter uma boa formação em disciplinas da área de ciências humanas, enfocando a psicologia, a filosofia, a teoria das relações, a história do homem, o entendimento de seus desejos, enfim, uma série de elementos que possibilitam entender melhor o usuário (2002, p. 13).

Para suprir tal demanda, partiu-se da errância em direção aos encontros nas bordas da cidade que produzissem forças criadoras de linhas de fuga na formação (DELEUZE; GUATTARI, 2012), ou seja, forjassem no pensamento a necessidade de ir além daquilo que já sabe. Por isso, utilizou-se do conceito de território, extraído da filosofia deleuzo-guattariana, produzindo um perspectivismo no olhar, característica de uma grande saúde nietzschiana.

Sendo assim, tentou-se uma aproximação entre a batalha do prefeito por um pedaço de chão neste mundo e o modo como um território existencial é produzido. Tal problema, desenvolvido por Deleuze e Guattari (2012a) em *O Anti-Édipo, Mil Platôs e O que é a filosofia?*, afirma que pensar se faz na relação entre o território e a terra. No platô 11, intitulado *Acerca do ritornelo*, o filósofo e o psicanalista desenvolvem juntos o conceito e dão a ver seu movimento, bem como Deleuze o explica em algumas entrevistas contidas em *Conversações e no Abecedário*.

Segundo Deleuze e Parnet (2001) o território é um mundo; um espaço onde afetos podem ser expressos e plenamente vividos. Para dar conta do conceito visitam a etologia, dando demonstrações daquilo que afirmam. Estudam, então, certos animais que produzem um território, como o carrapato e algumas espécies de pássaros. Estes, ao utilizarem suas glândulas anais e urinárias, realizam algumas posturas, marcando um espaço e delimitando suas fronteiras. Por isso, “o território são as propriedades do animal” (DELEUZE; PARNET, 2001, p. 4), algo do domínio do ter e

não do ser e, justamente por isso, sempre um lugar de passagem.

A partir disso, pode ser visto o movimento do *prefeito de três lotes só* em habitar um espaço de maneira diferente. Aí, a divisão do terreno delimitou o lugar. A escultura do Buda marcou um centro estável, fundando um ponto frágil em meio ao caos da borda da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 2012a). Nesse lugar, as palavras do personagem, ainda que fugidias à uma linguagem padronizada daqueles que foram inseridos no regime simbólico da linguagem (DELIGNY, 2015), produziram uma atmosfera repleta de sentido, que ganhou densidade e expressou um modo de vida.

Ao capinar, o prefeito se reterritorializava, ou seja, constituía seu próprio território existencial enquanto uma *coisa de psiquismo*. Além disso, fazia da ação uma batalha por um pedaço de chão neste mundo, como ele mesmo mencionara. Desse jeito, poderia ser visto para além do mau olhado instaurado na sociedade, mantenedor da invisibilidade daqueles considerados pouco úteis ao sistema econômico. Assim, perceber a cidade através da produção territorial, relativa a própria invenção da subjetividade, faz-se fundamental para aqueles que a estudam. Pois, como constata Guattari:

Os urbanistas não poderão mais se contentar em definir a cidade em termos de espacialidade. Esse fenômeno urbano mudou de natureza. [...]. Constata-se muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção da subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 153).

Dessa maneira, ao pensar o espaço, lidou-se não apenas com o projeto arquitetônico ou a legislação urbana, à maneira do exemplo da lei do Usucapião, mas com inúmeras questões que envolvem o próprio ato de habitar, como no exemplo do prefeito de três lotes só. O caminhar, em sua dimensão errática, forçou o grupo a olhar mais atentamente para o entorno, indo além de um *mau-olhado*.

Ainda que, por vezes, tenha sido necessário que alguém dissesse: *Eis aqui a sociedade!*, como o fez o personagem encontrado. Produziu-se com tal signo um estado de violência, talvez, mas que engendrou o pensar no próprio pensamento, fazendo da linha de fuga uma estratégia para invenção de um problema e a criação de sentido ao mesmo, reunindo-se matérias que ultrapassam um saber molar, como as da arte e da filosofia.

Mais uma linha de fuga: o Bairro Dunas e a verdade

Outro acontecimento relevante da experiência errática responsável por uma torção no olhar costumeiro que contempla a cidade foi o cruzamento do bairro Dunas, localizado na periferia de Pelotas. Seu contexto está associado ao medo de cruzar o local, compartilhado pelos alunos do Seminário Explor-ações urbanas. Isso porque, era sabido, o bairro seria rico em relações com o tráfico de drogas, possuindo alto índice de homicídios, estando num crescente processo de marginalização.

Porém, ao se aproximarem do lugar, aos poucos essa imagem foi mudando. No bairro, foram realizados muitos encontros, com o núcleo de assistência social da vizinhança, chamado também de Incubadora Dunas; alguns moradores que cruzaram o percurso da caminhada; crianças que brincavam na rua; comerciantes que vendiam água, frutas e picolés. No final do trajeto, os alunos dividiram-se em duplas. Uma das partes vendava-se e era guiada pela outra. Tal brincadeira possibilitou uma ampliação da

escuta e do tato, e a apreensão do início aos poucos desapareceu.

Perguntou-se o porquê de tal sensação amedrontadora e como são produzidas as verdades acerca dos espaços urbanos, que levaram o grupo a crer em algo antes da experiência. Percebeu-se que tais crenças, interiorizadas no pensamento de cada aluno ali matriculado, eram expressas por palavras que se apropriavam do lugar e estabeleciam seu valor de verdade (DELEUZE, 2004), causando uma sensação de medo e apreensão.

Nessa direção, ao se ocupar da verdade, Deleuze (2005) afirma que “não há modelo de verdade que não remeta a um tipo de poder, nem saber ou sequer ciência que não exprima [...] um poder se exercendo” (p. 48). Isso porque, numa leitura de Foucault, o filósofo ensina que são três os dispositivos que levam os sujeitos a estabelecer uma relação com a verdade e, desta maneira, subjetivarem-se: o saber, o poder e a própria subjetividade.

Dessa forma, as relações de saber nomeiam e normatizam o visível; as relações de poder coagem determinadas ações em um meio social e as relações de subjetividade, ou relações de si consigo, por sua vez, permitem a alguém a invenção da vida como obra de arte, produto de um processo de subjetivação singular.

No nível do saber há dois estratos que o compõe: o visível e o enunciável. Ou aquilo que se pode ver e dizer, variando conforme determinada época histórica. Nesse sentido, o grupo, ao enunciar o sentimento de apreensão ao atravessar o bairro Dunas, apenas reproduzia algo que já estava dado no senso comum, que normatiza os corpos, os bairros e também as cidades. Careri (2013) chegou em semelhante conclusão quando, após caminhar pelo continente americano, perceber o pânico de se deixar vagar pela cidade, expressando isso da seguinte maneira:

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais [...]. Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (CARERI, 2013, p. 170).

Francis Alÿs também dá prova desse sistema discursivo que assola a América e produz medo de se caminhar na cidade. Na obra *Re-enactments* (2000), o artista andou pelas ruas do Centro Histórico da capital do México portando uma pistola Beretta 9 mm, até ser algemado pela polícia e colocado em uma viatura. Segundo ele, o objetivo fora problematizar a facilidade que é comprar uma arma de fogo no país. Porém, quando o vídeo do ocorrido é apresentado no exterior, a peça adquire outros sentidos. De acordo com Medina e Diserens “a consequência é que o trabalho [...] passou a integrar parte do estereótipo que define o país por sua criminalidade” (2006, p. 85), o que não era a intenção.

Assim, quando se vai atrás das causas, ou seja, dos enunciados que produziram uma imagem de violência do bairro, encontrou-se a dissertação de mestrado intitulada *Loteamento Dunas e sua microfísica do poder* (MEREBA, 2011). Nela, o autor conta que tal cenário necessitou ser produzido e alimentado tanto pelos órgãos de Estado quanto pela mídia, para justificar melhorias no local e não em outras vizinhanças com situações semelhantes ou até mesmo mais desassistidas. Como isso se deu?

Criado em 1986 numa gleba de terras de 60 hectares doados por um devedor do INSS⁹ no bairro Areal ao lado da comunidade Bom Jesus (MEREBA, 2001), o Loteamento Dunas iniciou de forma bastante precária em termos de ambiência urbana. A partir do fortalecimento de agrupamentos molares, como a Associação de Moradores e o Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD), passou-se a criar estratégias para sobrevivência num lugar que até 1991 era abastecido com água apenas através de um caminhão pipa do SANEP¹⁰. Ao pressionarem os poderes dominantes, foram garantidos investimentos e o consequente acesso à água, luz, escolas, creche e posto de saúde. Porém,

Essa necessidade política abriu espaço para que midiaticamente se criasse para o Loteamento uma sensação de violência Biopsicossocial, em especial pelos meios de comunicação (rádios, programas de televisão e jornais impressos), que incessantemente veiculavam o local como “violento”, onde moram os criminosos mais procurados pela polícia, enfim, uma simples discussão doméstica no Loteamento era tratada como um ato de alta violência. Ainda hoje, mesmo que a moldura tenha sido transformada pelas relações de poder ao longo dos anos, pode-se observar tais ocorrências como forma de justificar ou retirar os investimentos no Loteamento Dunas (MEREBA, 2011, p. 14-15).

Dessa forma, compreendeu-se que houve a invenção de um regime de dizibilidade e de visibilidade que se apropriaram das relações de força que aconteciam naquele agrupamento social, como a violência, para legitimar investimentos no bairro. Isso porque “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (DELEUZE, 2004, p. 48).

Nessa lógica, o saber está constantemente se apropriando do poder, que é invisível e acontece nas relações, de forma microfísica, como coloca Foucault (1979), ou micropolítica, à maneira de Deleuze e Guattari (2012a). Nesse jogo que saberes se constituem, passando a normatizar os indivíduos e dando-lhes, inclusive, medo: do outro, do espaço público, de caminhar e explorar a cidade.

Pode-se afirmar que as relações de poder que surgiram ainda na gênese do bairro ganharam um estatuto de verdade que se reproduziu no decorrer dos anos. Criou-se, então, uma imagem do lugar ou, nas palavras de Deleuze (2004), um regime de visibilidade atrelado à um regime de dizibilidade. Porém, ao entrar em relação com outras forças, tais estratos foram se modificando e se atualizaram numa nova compreensão do bairro.

Tal diferença de perspectiva, marca uma grande saúde nietzschiana (NIETZSCHE, 2012), permitiu que, no decorrer do percurso, os alunos brincassem e se vendassem, talvez para poder ver melhor. Então, se há saberes que criam uma verdade relativa a um lugar, quando se entra em contato com as forças que fogem do já dito e do já visto, tem-se um outro processo de subjetivação, por vezes singular. Por isso, novas formas de nomeá-lo e olhá-lo são possíveis.

⁹ Instituto Nacional de Seguridade Social.

¹⁰ Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas.

Considerações finais

O texto, antes de ser uma tentativa de significar ou produzir pistas acerca do método, contou por meio de diferentes verbos sobre as experimentações de uma pesquisa que se propôs cartográfica. Com uma linguagem simples, tal qual um passeio pela periferia de uma cidade qualquer do sul desse país, as palavras caminharam, narraram, mapearam, relacionaram e analisaram. Por vezes, perderam-se por linhas molares, moleculares e de fuga a fim de criar uma torção na formação de quem olha e pensa a cidade.

Foi assim que o verbo caminhar trouxe à tona a parte empírica da pesquisa. Mesmo que um ato cotidiano, viu-se nele a força para viver de maneira imanente a cidade, podendo-se enunciar algo que foge à ordem dos saberes instituídos, posto que as relações urbanas estão sempre em movimento e, por isso mesmo, fogem à significação.

O narrar confundiu-se com o escrever e fez proliferar palavras num diário. A cada percurso realizado, uma história se escrevia. Os encontros potencializaram uma escrita veloz, em que sensações sem palavras se remexiam para serem expressas. Por vezes, a aridez de determinado percurso produzia narrativas sem força, desconexas, que pouco eram lembradas quando se tentava recordar a experimentação. Diz-se recordar porque assim o diário foi concebido: primeiro enquanto breves anotações das percepções do percurso, depois como uma história com um fio linear que detalhava e ampliava os dados da pesquisa.

Mapear, então, fez-se enquanto tentativa de sustentação de uma experiência sem uma finalidade específica ou objetivo pré-determinado. A partir daquilo que foi narrado no diário, traçaram-se caminhos para conectar os pontos extensivos atravessados durante a errância. Desenhados em folhas transparentes, quando superpostos deram visibilidade aos trajetos costumeiros e erráticos das Explorações urbanas. Assim, a rodovia BR, o ônibus e os bairros periféricos foram os pontos escolhidos para análise, posto que mais transversalizados por linhas.

Tais trajetos, por sua vez, movimentaram matérias da ciência, arte e filosofia, possibilitando a conjugação do verbo relacionar. Os saberes da formação denunciaram processos de subjetivação que criaram um modo de agir em constante repetição. Alÿs mostrou, porém, que o ato de repetir ganha dimensão estética quando se propõe propositivo, dando consistência à um novo território existencial por meio da arte. Nietzsche, por sua vez, fez entender que a escrita quando agenciada com o caminhar se dá em dois momentos: primeiro enquanto rabisco, depois enquanto artesanato, exigindo movimento e repouso necessários à uma grande saúde que é uma marca do perspectivismo.

Analisar, então, estava dado, mas para isso foi necessário também aprender a costurar. Três foram as linhas desenroladas do emaranhado de fios: as molares, moleculares e de fuga. Surgidas dos pontos extensivos definidos por meio das superposições, antes de dar respostas à pesquisa, colocaram os problemas.

Na BR, foi interrogado o porquê do insistente retorno à rodovia, considerada um ponto marcante na paisagem e que se repete na maior parte das cidades. Isto posto, ela foi vista como um espaço que dificultou o encontro com o outro, distanciando aqueles que caminhavam das forças do urbano. Dessa maneira, não forçou o pensamento a sair de suas molaridades. Configurando-se como lugar de passagem e não de vivências, conservou os saberes já adquiridos ao invés de coloca-los em variação. Já o ônibus possibilitou que os signos vividos no Seminário Explorações urbanas

agissem em sua potência de desterritorialização da formação. Logo, facilitou ao grupo a saída de um ensino tradicional realizado usualmente num ambiente de sala de aula e preso ao projeto arquitetônico. Na medida em que foram se distanciando do centro histórico, local habitado pela maioria dos estudantes, o ônibus cumpriu o papel de deslocamento de um modo de vida molar à uma maneira errática de vivenciar o espaço, e vice-versa.

Nos bairros periféricos, por sua vez, deram-se os encontros intensivos que produziram as linhas de fuga na formação, exigindo do pensamento que pensasse de maneira diferente. Aí, foi afirmado que habitar é construir territórios existenciais em meio à cidade, e que é possível a invenção de saberes acerca do meio urbano para além dos enunciados midiáticos, desencadeando outros processos de subjetivação e, com eles, diferentes formas de ver e dizer.

Por fim, a cartografia funcionou como um modo de apreensão e produção de sentido às linhas que se desenharam na pesquisa, em que caminhar foi como pensar a cidade, à maneira do guardador de rebanhos de Alberto Caeiro: “os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés” (PESSOA, 2005, p. 34). Por enunciar-se processual, o método permitiu que o diário de bordo fosse o próprio objeto analítico, aproximando a experiência da produção de saberes. Por meio dele, desenharam-se os mapas dos trajetos em superposição de percursos, que dispararam as análises. Ainda, na medida em que se subtraiu do saber sua posição hegemônica, relacionou-se ciência, arte e filosofia, dando à formação em Arquitetura e Urbanismo uma forma singular que se pretendeu múltipla.

Referências bibliográficas

ALÿS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc; DISERENS, Corinne. *Diez cuadras alrededor del estudio*. México: Antiguo Colegio de San Ildefonso, 2006.

ALÿS, Francis; FERGUSON, Russel. *Francis Alÿs*. Inglaterra: Phaidon, 2007.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gilli, 2013.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: G. Gilli, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012, v.3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012a, v.4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

FAURB / UFPel – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Pelotas. *Programa da disciplina Explor-ações urbanas: errar no limiar*. 2 f. 2016.

FERREIRA, Eleine Freire Bourdette. O ensino da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade. In: *Anais do III ENANPARQ*, São Paulo, 2014.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

JACQUES, Paola B. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2014.

KATAKURA, Paula. A formação do urbanismo no Mercosul. In: *Anais do III ENANPARQ*, São Paulo, 2014.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MIGUEL, Marlon. *Guerrilha e resistência em Cévenne: A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas*. In: Revista trágica, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 57-71, 2015a.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

PARREIRAS, Fernanda Villefort. *A busca de um enfoque psico-filosófico e Social no ensino de Arquitetura e Urbanismo*. Dissertação. Pós-Graduação em engenharia da produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; editora da UFRGS, 2014.